

ARTE CONSCIENTIAL!

Wallace Vianna, Rio de Janeiro, 1995

Günther Uecker, Haubock Rot-
ywell, 1983; madeira, prego e
cores, 80 x 50, Galeria Walter
Storms, Munique.



"Se alguém diz "isto é arte", isto é arte." Donald Judd.

Esta frase poderia muito bem ter sido dita por Marcel Duchamp em 1916 e continuaria sendo atual até os dias de hoje. Mas o fato é que a frase - ou provocação - foi feita por um artista da chamada *Arte Conceitual*, que deu prosseguimento ao desmantelamento artístico iniciado pelos Dadaístas e cujos ecos ressoam até hoje. A *Conceptual Art*, talvez por ser uma arte que por definição se firma a partir da não-objetualidade da obra (ou seja, é uma arte que surgiu e se fez como idéia antes de assumir o status de arte) tem uma origem controversa. Historicamente sua origem remonta à Paris de 1910, através da pintura metafísica (1). Mais recentemente, há quem afirme que ela surgiu dos *Happenings* encenados por Alan Kaprow nos anos 60, em Nova Iorque; outros já sugerem obras como o (literalmente) *Desenho Apagado de Kooning*, de Robert Rauschenberg em 1952 (2), eventos como as exposições *Live In Your Head - When Attitudes Become Form* realizada na cidade de Berna em 1969 (3) e *Information - Summer 70* no MoMA, em Nova Iorque em 1970 (4). Não podemos deixar de citar ainda a expo *Conceptual Art - No Object*, "exposta" no Museu de Leverkusen, em 1969 - talvez

a mais conceitual de todas, visto que se realizou sob a forma de um catálogo, sendo este encarado como conteúdo e suporte da mostra (5). O certo é que toda idéia, ao ser oficialmente divulgada, é objeto de domínio público. Nesse sentido, a origem mais direta da Arte Conceitual é o Dadaísmo - um movimento que fazia arte através de objetos públicos, de uso cotidiano - sendo prosseguido muitos anos depois através do *Happening*, do *Nouveau Réalisme*, da *Land Art* até o Minimalismo, sendo este seu antecessor mais próximo. A *Minimal Art* ou Arte Minimalista, como a maioria dos movimentos de Arte Moderna é uma arte de redução. Redução da arte ao espaço do projeto, redução da forma figurativa ao fragmento, redução do esquema à repetição. Todas as vanguardas foram, em síntese um ato reducionista frente a uma realidade que já fôra retratada (no sentido estrito do termo) à exaustão. O Cubismo, o Dada, o Surrealismo não foram nada mais do que a tentativa de trazer um novo significado a uma arte

há muito conhecida. Como diria J. Lucio de Campos, "a referência básica do artista Minimal veio ser a forma simples (...) ou modular a serviço de leis rígidas. Dentro do contexto, não chega a surpreender o pouco espaço dado às intervenções pessoais (...) em detrimento de outros fatores (a composição, p.ex.)". Ainda sobre a *Minimal Art*, "sua índole construcional

“ A *concept art* é uma arte que se firma a partir da não-objetualidade da obra ”

remonta (...) às concepções recorrentes (...) de Malevich, Mondrian ou Duchamp... da teoria da *an objetualidade* herdou (...) o forte apego ao racionalismo e às inflexões matemáticas. De Malevich, Mondrian ou Duchamp, a crença no programa, ou seja, a pressuposição de que uma obra deva ser completamente enunciável antes mesmo de sua execução (6). Se a arte Minimal era



ARTE CONCEITUAL

ou como explicar quadros a uma lebre morta